

GT58: Pandemia silenciosa: o impacto do novo coronavírus na saúde mental em tempos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19

Érica Quinaglia, Sônia W. Maluf

Este GT visa a reunir pesquisas que abordem práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental nos contextos de enfrentamento à pandemia de Covid-19 e de pós-pandemia. Apresentada como uma outra pandemia, subjacente e paralela à de Covid, as questões de saúde mental têm aparecido como problemas emergentes nas políticas de saúde no país e em nível global. Torna-se premente a compreensão antropológica dos impactos específicos que esses contextos trouxeram para a saúde mental; a análise sobre o quanto a saúde mental se torna uma linguagem e um modelo explicativo para questões mais amplas de sofrimento social; o escrutínio sobre quais são os caminhos futuros para políticas de saúde mental e para a emergência de novas práticas, experiências e saberes sobre esse tema. A proposta comporta, de um lado, práticas e saberes locais, tradicionais e/ou dissidentes de sujeitos e coletividades em relação a saúde/adoecimento/sofrimento mental; e, de outro, políticas públicas, serviços e ações do Estado nesse campo, envolvendo redes de atendimento, dispositivos epidemiológicos, políticas e biopolíticas pretensamente universais e seus modos desiguais de distribuição de direitos. A intenção é ampliar a compreensão das questões atinentes aos processos de sofrimento, aflição, perturbação e/ou adoecimento, práticas, políticas e discursos a partir de um olhar antropológico sobre esta pandemia silenciosa e sobre o impacto dos contextos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19 na saúde mental.

Caminhos reflexivos de uma Trabalhadora-pesquisadora com pessoas em situação de rua em Porto Alegre/RS no contexto pandêmico

Autoria:

Este trabalho pretende relatar e desenvolver reflexões sobre a vivência como trabalhadora-pesquisadora no Serviço de Abordagem Social, na política de Assistência Social em Porto Alegre/RS com a população em situação de rua na região do bairro Partenon ao longo destes dois anos pandêmicos. O fazer antropológico é um grande desafio, uma imersão no espaço do que não é conhecida, a estranheza é cotidianamente enfrentada com a simples ação de conviver e coexistir. Diversos questionamentos foram e ainda são feitos ao longo desta pandemia de COVID 19 no processo do dia a dia do trabalho desta política pública. Alguns serviços passaram a trabalhar em regime de tele trabalho, o distanciamento ficou realmente imenso. No entanto, na rua a vida seguiu. Como ficar em casa, se já não havia casa? Como lavar as mãos se não havia torneiras públicas? Os banheiros públicos localizam-se na região central da cidade e nem sempre estão abertos. Como fazer para cuidar de quem esta rua e é grupo prioritário se ainda não sabíamos o que fazer? Para onde levar quem adoecia? Como levar? A equipe também estaria em risco? Qual o protocolo para população de rua nas unidades de saúde da região? E os trabalhadores também do grupo de risco, como fazer? E como seria o processo de vacinação dos/as trabalhadores e da população de rua? Ambos seriam prioritários? Trabalhar e pesquisar grupos conceituados como vulneráveis, diante do cenário de agravamento das condições sociais e econômica em meio à crise sanitária e humanitária em que vivemos, torna-se uma das ferramentas para desenvolver estratégias de manutenção da existência para todes.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

